

Pacheco Neto, Manuel (2022). *Educação física brasileira: A corporeidade em questão*. Dourados: UFGD, 169 páginas. ISBN (versão impressa): 978-65-990497-9-8. ISBN (e-book): 978-85-8147-184-6.

### 1. À guisa de apresentação

O escopo deste texto é analisar, criticamente e detalhadamente, a obra *Educação física brasileira: A corporeidade em questão*, de autoria de Manuel Pacheco Neto, publicada, em 2022, pela editora da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em dois formatos: impresso e e-book. A UFDG localiza-se no Município de Dourados, que pertence ao Estado de Mato Grosso do Sul (MS), Brasil.

Uma primeira análise indica que os elementos paratextuais são esclarecedores e muito enriquecedores, já preluindo a discussão proposta na obra. Por exemplo, a primeira orleira, a partir de uma visão crítica, aponta para um cenário ainda atual, onde se fazem presentes práticas mecanicistas que geram um reducionismo no ensino escolar da Educação Física. Tais práticas refletem, como apresentado na quarta capa (contracapa), um ser humano dicotomizado, onde corpo e mente são desmembrados, concepção contestada pelo referencial da corporeidade.

A partir desta primeira leitura, é possível visualizar, com nitidez, o objeto de estudo deste livro, que é a relação entre o fenômeno corpo/corporeidade e a área escolar da Educação Física no Brasil, e como esta união tem contribuído para uma Educação Física que busque alternativas aos paradigmas biologicista, esportivista e mecanicista, ainda não superados pela realidade escolar brasileira. Em síntese, não inicie a leitura desta obra sem antes percorrer os elementos paratextuais!

É necessário apresentar um registro que, regra geral, muitos/as leitores/as não se dão conta da relevância: o livro obteve duplo financiamento, o que concede, ainda mais, mérito acadêmico à proposta. Ele é parte de um estudo subvencionado pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/CAPES), realizado, entre 2015 e 2016, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e, igualmente, foi aprovado pelo Edital n. 01/2020, organizado pela Editora da UFGD. Trata-se, portanto, de uma obra que passou por processos de avaliação nacional e local.

### 2. Análise estrutural da obra

O livro foi estruturado em cinco partes: (a) *Apresentação*; (b) *Capítulo 1 – Em busca das raízes da educação física brasileira*; (c) *Capítulo 2 – Educação física escolar e corporeidade: reflexões com base nas obras produzidas a partir da década de 1980*; (d) *Capítulo 3 – Educação física escolar e corporeidade: as contribuições da produção acadêmica de Wagner Wey Moreira e Vilma Lení Nista-Piccolo*; e (e) *Palavras finais*. Esta organização respeitou uma lógica: o conhecimento apresentado vai do geral (mais

amplo) ao específico (mais particular). Todo este percurso é consubstanciado por 89 referências, de valor histórico indiscutível, dispostas em sete páginas dos elementos pós-textuais da obra.

A primeira parte – *Apresentação* – inclui informações sobre a subvenção do livro (já mencionada) e quais autores balizaram os capítulos. É apresentado um resumo de cada capítulo da obra e, ao final da *Apresentação*, são mencionadas algumas ideias que expressam o posicionamento dos autores/obras analisados e, igualmente, do próprio Manuel Pacheco Neto. As ideias mais destacadas são: a necessidade de mudança de paradigma nos currículos que norteiam o ensino universitário de Educação Física; uma alternativa à repetição de conteúdos presente nas aulas de Educação Física em diferentes níveis escolares; a premência da mudança do “modelo”/padrão de corpo ideal veiculado pela sociedade; e a superação do esportivismo e do biologicismo presentes no ensino escolar da Educação Física.

O *Capítulo 1 – Em busca das raízes da educação física brasileira* – discute, de modo introdutório e em 11 páginas, um resumo da história da Educação Física a partir da análise de algumas obras de destaque. Na primeira parte, mostra-se a influência do inglês Herbert Spencer (1820–1903) na Educação Física nacional. E, igualmente, como alguns posicionamentos do autor estão, até hoje, em evidência. Um dos exemplos é a crítica a um sistema educacional que preconiza a mente e desprivilegia as práticas corporais. Ademais, menciona como Spencer incidiu e consubstanciou os pareceres que Rui Barbosa emitiu, ao final do Século XIX, e que contribuíram para a área escolar da Educação Física. Na segunda parte do capítulo, Pacheco Neto discorre sobre a clássica divisão proposta por Paulo Ghiraldelli Júnior, em 1991, que estabeleceu cinco tendências da Educação Física brasileira. Com muito apreço e respeito às vertentes estabelecidas por Ghiraldelli Júnior, mas com fundamentos sólidos, Pacheco Neto não se furta de analisar, criticamente, a mencionada classificação, apontando algumas omissões e tecendo complementos necessários e que enriquecem a discussão. Ao final do capítulo, há uma crítica ao competitivismo, ao esportivismo e à ideia de avaliação assentada na *performance* do/a aluno/a. O texto pode ser muito interessante para o/a aluno/a que realiza os primeiros períodos da graduação em Educação Física. É imprescindível registrar que a proposta do texto não é de um detalhamento histórico ou de um levantamento exaustivo de referências e de autores/as que publicaram sobre história da Educação Física; o capítulo discutiu, exclusivamente, duas obras consideradas de repercussão na área, por esta razão, foi empregado o vocábulo raiz, que significa base, princípio.

O *Capítulo 2 – Educação física escolar e corporeidade: reflexões com base nas obras produzidas a partir da década de 1980* – levanta, em 35 páginas, a produção acadêmica que inicia a discussão sobre corporeidade e que a introduz no contexto escolar. Um primeiro aspecto destacado foi a asserção de que as tendências higienista e competitivista da Educação Física ainda continuam no cenário escolar atual. Quem atua na Educação Básica constata isso facilmente. Logo, explica o motivo de iniciar a análise a partir de 1980, ano que foi realizado o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, no Maranhão. Este evento contribuiu para fortalecer um pensamento de resistência, na Educação Física, em relação à política brasileira da época. Autores como Lino Castellani Filho, Heloisa Turini Bruhns, João Paulo Subirá Medina consubstanciam o capítulo, tecendo críticas ao reducionismo no tratamento e na compreensão do corpo pela Educação Física. Na próxima parte do texto, há um posicionamento crítico aos

ideais nacionalistas estabelecidos por alguns militares brasileiros para a Educação Física. Voltando à esteira do reducionismo, são abordadas a biologização e a psicopedagogização, vertentes criticadas na obra de Castellani Filho. As obras destes autores são analisadas minuciosamente, mostrando o seu impacto para os livros da década de 1990. Num segundo momento histórico, é discutida, em maior medida, a contribuição de um conjunto de autores, como, por exemplo, Carmen Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Castellani Filho (novamente), Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht, que elaboraram uma obra de referência no início dos anos noventa, que preludeu uma ruptura paradigmática no ensino escolar da Educação Física. Há, por parte de Pacheco Neto, uma crítica à necessidade de não se omitir e desconsiderar, no entendimento histórico da motricidade humana, as práticas venatórias (arte da caça) no desenvolvimento corporal do ser humano. Em outro momento, há menção a autores menos conhecidos, mas que, no entanto, realizaram contribuições relevantes, como José Rizzo Pinto, a título de exemplo. Na última parte do capítulo, há referência às contribuições de Wagner Wey Moreira e Regina Simões, em uma obra de 2004, e que incluiu vários autores. O texto é finalizado com uma importante advertência: a incompatibilidade de a Educação Física escolar continuar recrudescendo a formação de “atletas”, a busca pela *performance* e por vitórias, a veiculação de padrões/modelos corporais e de beleza considerados “ideais/perfeitos”, além da mecanização/estereotipação das práticas corporais, questões completamente antagônicas à vertente da corporeidade.

Por sua vez, o *Capítulo 3 – Educação física escolar e corporeidade: as contribuições da produção acadêmica de Wagner Wey Moreira e Vilma Leni Nista-Piccolo* –, elaborado em 104 páginas, tem um caráter específico: arrola e analisa a produção de dois autores que dedicaram os seus estudos e pesquisas à compreensão do fenômeno corpo/corporeidade no âmbito da Educação Física, com ênfase no cotidiano escolar. Neste contexto, o recorte temporal é de 1992 a 2016. O *corpus* de análise refere-se a sete livros, sendo um da editora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), dois da editora Papyrus e quatro da editora Cortez. Cabe salientar que as obras publicadas pela Cortez abarcam todos os níveis da Educação Básica. Na primeira obra da Papyrus, de 1992, foram analisados quatro capítulos: um na perspectiva histórica, dois na perspectiva da corporeidade e um na perspectiva da Educação Física escolar. Uma nota de rodapé indica que a análise considerou somente os textos que, de maneira direta, dialogaram com o referencial da corporeidade no âmbito escolar da Educação Física. Em última análise, Pacheco Neto põe em relevo a originalidade e a visão prospectiva da obra. A próxima obra discutida foi a de Nista-Piccolo, de 1993. Pacheco Neto analisa o *Prefácio*, a *Apresentação* e mais quatro capítulos do livro. O autor chama a atenção para a crítica realizada no capítulo de Nista-Piccolo, que, ancorada em uma visão humanizada, ressalta que práticas de treinamento esportivo não podem ser sinônimos de aulas de Educação Física. Por sua vez, a análise centra-se no capítulo de Moreira, que reflete sobre o modelo hegemônico de ensino da Educação Física na escola e a tão comum falta de sequencialidade no ensino deste componente curricular. A análise prossegue até o capítulo de Daolio, que critica a biologização da Educação Física e aponta um novo olhar para a área: o da cultura. A análise de Pacheco Neto finalizou no capítulo de Maria José Girardi. O autor considerou a obra organizada por Nista-Piccolo como uma maiúscula contribuição à relação entre corporeidade e Educação Física, principalmente considerando o momento histórico da área. Prosseguindo com

a análise, surgem os livros da editora Cortez, todos de 2012. O primeiro refere-se à Educação Infantil e tem propostas alicerçadas na vivência da corporeidade, utilizando, para tanto, a motricidade, o jogo e a ludicidade. O segundo livro situa a abordagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental e reflete sobre a necessidade de organizar o conhecimento que é ensinado na Educação Física, evitando meras práticas esportivas e de recreação e sem intenção educacional. A terceira obra discute o esporte para a saúde nos anos finais do Ensino Fundamental. E o último livro aborda o Esporte para a vida no Ensino Médio. Nas quatro obras a corporeidade, entendida como a compreensão do corpo na sua totalidade, é referencial balizador do Esporte e das aulas de Educação Física. Na última seção do Capítulo 3, Pacheco Neto analisa a obra da editora Papirus, publicada em 2016. Centra a sua análise em três textos que dialogam com a corporeidade: o de Sílvio Gallo e Paola Sanfelice Zeppini; o de Wagner Wey Moreira e Regina Simões; e o de Vilma Lení Nista-Piccolo e Vickele Sobreira. O último escrito analisado é o de Nista-Piccolo e Sobreira, que versa sobre a diversidade na formação em Educação Física.

Na última parte – *Palavras finais* – o autor sintetiza, em uma página, a mensagem de sua obra: a corporeidade contribui para uma Educação Física, em todas as etapas da Educação Básica, mais humanizante, que tenha um caráter ético e que respeite cada estudante, principalmente considerando as suas individualidades. Este é o sentido da corporeidade. Para Pacheco Neto (2022, p. 161): “É tempo de um novo agir docente, um agir docente iluminado pelo conhecimento do pretérito, um agir docente construtor e iluminador do presente, bem como projetor do futuro sob o prisma da corporeidade”.

### 3. Valoração global

Um primeiro aspecto geral refere-se ao recorte temporal do livro. A análise das obras sobre a relação corporeidade e Educação Física, por exemplo, abrangeu um período de 36 anos (1980 – 2016). Nesta perspectiva, é necessário recordar o que afirma Derek de Solla Price (1976, p. 163): “A estatura da ciência, em termos de realizações, parece duplicar em aproximadamente uma geração humana (cerca de 30 anos) e não nos dez anos em que se duplicam o número de artigos e o número de cientistas”.

Uma segunda característica é que o trabalho de Pacheco Neto pode ser considerado o primeiro livro a realizar, no Brasil, um levantamento histórico e crítico da produção sobre corporeidade e Educação Física e a sua repercussão no contexto escolar. Em termos de delimitação, o estudo compreendeu exclusivamente livros, que são classificados como literatura branca (Botelho e Oliveira, 2015). Esta delimitação foi muito bem pensada e, em grande medida, oferece uma maiúscula contribuição à área da Educação Física.

Um terceiro tópico positivo do trabalho é a crítica à dualidade corpo/mente. Pacheco Neto realizou, com critério, o esquadramento das obras que preludiam uma proposta que caminhava no sentido da corporeidade e, igualmente, das que incluíram a corporeidade como referencial textual, apresentando vários extratos que criticavam a separação do corpo em relação à mente nas práticas corporais, por vezes orquestrada pela própria Educação Física. Em face do exposto, compreender os alicerces da corporeidade na Educação Física, por meio de uma análise histórica e crítica, é fundamental para os profissionais de Educação Física que se dedicam a humanizar as práticas corporais de movimento na Educação Básica e no Ensino Superior.

Outro ponto de destaque é a crítica à concepção competitivista, engendrada pela Ditadura Militar brasileira, que ainda adeja a realidade de muitas escolas e currículos de Educação Física. *Prima facie*, esta vertente apresenta, ainda hoje, muitos adeptos, incluindo dirigentes educacionais, docentes e muitos alunos/as que se consideram melhores e mais aptos, verdadeiros “atletas”, ainda que o conceito desta palavra seja inteiramente ignorado. Quem está na Educação Básica depara-se, anualmente, com “olimpíadas” ou jogos escolares, festivais esportivos e jogos inter ou *multicampi* que reforçam o competitivismo, a segregação de gênero durante as práticas esportivas, a exclusão de alunos/as com sobrepeso/obesidade e deficiência (ou a sua inclusão no papel de torcedores), intensificando o culto ao treinamento e aos mais aptos do ponto de vista das habilidades motoras desportivas. No entendimento dos autores desta resenha é um verdadeiro paradigma<sup>1</sup> a ser rompido e, por seu turno, Pacheco Neto não se omitiu em criticar o esportivismo na Educação Física.

Igualmente, merece destaque a análise circunstanciada acerca da produção acadêmica sobre corporeidade e Educação Física, com repercussão na escola, de Wagner Wey Moreira e de Vilma Lení Nista-Piccolo, que contemplou sete obras sobre Educação Física e Esporte, publicadas em um intervalo de duas décadas e meia. As análises realizadas selecionaram os textos que discutiram a corporeidade e como esta concepção pode balizar as ações dos profissionais de Educação Física, seja com atuação na escola ou fora dela, incluindo a esfera universitária. Ficou patente, na análise de Pacheco Neto, que a corporeidade é uma vertente que pode (e deve) compor o referencial teórico curricular e a prática pedagógica escolar da Educação Física, alcançando, inclusive, o campo do Esporte, em atividades não formais.

Por último, considera-se, respeitosamente, que uma reflexão sobre a obra *Educação física: Uma abordagem filosófica da corporeidade* (Santin, 1987) seria interessante para o Capítulo 2, principalmente levando em consideração a precessão da discussão sobre corporeidade na Educação Física que Santin desenvolveu. Alguns capítulos, do livro de Santin, são constituídos por textos veiculados em periódicos científicos publicados antes de 1987.

#### 4. Considerações finais reflexivas e prospectivas

O objetivo deste texto foi analisar, de maneira circunstanciada e crítica, a obra *Educação física brasileira: A corporeidade em questão*. Esta análise não pretendeu esgotar as considerações sobre o livro, longe disso, mas ampliar a divulgação da proposta de Pacheco Neto, que contribui, significativamente, para o mapeamento e a disseminação de obras nacionais que discutem a relação entre corporeidade e Educação Física, com ênfase na escola.

Na mesma linha de análise, Pacheco Neto revisitou importantes autores/as que, em um momento histórico de mudança paradigmática para a Educação Física, realizaram obras com caráter crítico e prospectivo. Vários/as autores/as são mencionados/as no decorrer do livro. A análise de Pacheco Neto apresenta boas reflexões e contempla produções acadêmicas de reconhecida relevância e contribuição para o entendimento da corporeidade na Educação Física.

<sup>1</sup> Adota-se a concepção básica de Thomas S. Kuhn (2003, p. 43) para o termo paradigma, ou seja, “... um modelo ou padrão aceito”.

Outro ponto que merece registro na obra é o alerta para o biologicismo, o esportivismo e o competitivismo que ainda ancoram práticas pedagógicas propagadas em muitas escolas brasileiras, vertentes que veiculam valores opostos à concepção da corporeidade. Aqui cabe uma reflexão: qual é a Educação Física de hoje? O debate é amplo e possivelmente não será esgotado; no entanto, é salutar ponderar sobre as práticas pedagógicas atuais no universo da Educação Física – em especial o âmbito escolar – que não superam vertentes criticadas por estudiosos/as da área. Portanto, indaga-se: a Educação Física caminha para um novo período ou apenas vaga por um labirinto histórico? O livro de Pacheco Neto incita esta reflexão.


Em substância, este livro está voltado aos profissionais de Educação Física e do Esporte que se dedicam a humanizar, consubstanciados no referencial da corporeidade, as práticas corporais de movimento em todas as etapas da Educação (incluindo o Ensino Superior), além das atividades realizadas fora do ambiente formal de ensino.


Cabe ressaltar que o livro apresenta escrita impecável e segue, com rigor, aspectos de normalização no que tange à relação citação/referência, além de apresentar uma produção gráfica de qualidade.

Em termos prospectivos, tudo indica que a obra em questão comporá bibliografias de ementas de cursos de graduação e, quem sabe, figure em referências de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de graduação e de pós-graduação, seja *lato* e/ou *stricto sensu*. Só o tempo dirá!

## Referências

- Botelho, R. G. & Oliveira, C. da C. de. (2015). *Literaturas branca e cinzenta: Uma revisão conceitual. Ciência da Informação*, 44(3), 501-513, set./dez. Recuperado de <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1804/3251>.
- Kuhn, T. S. (2003). *A estrutura das revoluções científicas*. (8ª ed.). São Paulo: Perspectiva. (Coleção Debates, 115).
- Pacheco Neto, M. (2022). *Educação física brasileira: A corporeidade em questão*. Dourados: UFGD.
- Price, D. J. de S. (1976). *A ciência desde a Babilônia*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. (Coleção O homem e a ciência, 2).
- Santin, S. (1987). *Educação física: Uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Unijuí. (Coleção Ensaio: política e filosofia, 2).

Rafael Guimarães Botelho   
Pós-Doutorando em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)  
Bolsista do CNPq - Brasil (processo no 100172/2021-0)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

Natália Papacidero Magrin   
Doutoranda em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)  
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)

### Cómo citar en APA:

Botelho, R. & Magrin, N (2023). Resenha do livro – Educação física brasileira: A corporeidade em questão. *Revista Iberoamericana de Educación*, 93(1), 181-186. <https://doi.org/10.35362/rie9215908>